

Leitura e estratégias de leitura nos anos iniciais:

bases teóricas e metodológicas

Angelina Quinalia Ramires

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Como citar: RAMIRES, Angelina Quinalia; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Leitura e estratégias de leitura nos anos iniciais: bases teóricas e metodológicas. *In* : FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; ABDIAN, Graziela Zambão; CASARIN, Helen de Castro Silva; SARAVALI, Eliane Giachetto (org). **Educação e Informação em contexto de políticas públicas** : pesquisas em foco. Marília: Oficina Universitária: São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p.161-186. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-330-4.p161-186>



LEITURA E ESTRATÉGIAS DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS: BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Angelina Quinalia Ramires
Mariângela Spotti Lopes Fujita

Resumo: O ensino de estratégias de leitura inicia-se desde o início da idade escolar, no Ensino Fundamental. O intuito dessas estratégias é fornecer subsídios para que o leitor compreenda aquilo que leu. Essa prática ajuda o leitor nas mais diversas áreas do conhecimento, compreendendo o sentido do texto e não somente decodificando-o. Para tanto, o objetivo aqui é estudar as estratégias de leitura, entender como elas são usadas e quais os benefícios que trazem para a formação de um leitor, capaz de compreender o que lê, reconhecer qual a tipologia textual, a função social do texto lido, fazendo inferências, atribuindo sentido ao texto e assumindo um papel de leitor ativo. Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura de natureza qualitativa que tentou contribuir para o esclarecimento da importância da leitura e de estratégias que possibilitem uma interpretação e uma compreensão daquilo que se leu.

Palavras-chave: Estratégias de leitura; Ensino fundamental; Práticas de leitura.

Abstract: The teaching of reading strategies starts from the beginning of school age, in Elementary School. The purpose of these strategies is to provide subsidies for the reader to understand what he has read. This practice helps the reader in the most diverse areas of knowledge, understanding the meaning of the text and not just decoding it. Therefore, the objective here is to study reading strategies, understand how they are used and what benefits they bring to the formation of a reader, capable of understanding what he reads, recognizing the textual typology, the social function of the text. read, making inferences, attributing meaning to the text and assuming an active reader role. This is a literature review of a

qualitative nature that tried to contribute to the clarification of the importance of reading and strategies that allow an interpretation and understanding of what has been read.

Keywords: Reading strategies; Elementary school; Reading practices.

1. INTRODUÇÃO

Realizaremos um estudo teórico sobre estratégias de leitura, a importância da leitura na vida do aluno, quais as suas contribuições para a formação integral do discente e como a leitura pode ser otimizada através de estratégias que facilitam o processo de compreensão textual. O objetivo aqui é estudar as estratégias de leitura, entender como elas são usadas e quais os benefícios que trazem para a formação de um leitor, capaz de compreender o que leu e não somente decodificar as letras, reconhecer qual a tipologia textual, a função social do texto lido, fazendo inferências, atribuindo sentido ao texto e assumindo um papel de leitor ativo.

Para tanto, foi feita aqui uma fundamentação teórica baseada nos autores Solé (1998), Kato (1999), Kleiman (2002), Giroto e Souza (2010), Harvey e Goudvis (2008, [2017]), Organizações não Governamentais como a Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro que publicam o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) (AÇÃO EDUCATIVA, 2018) e Governamentais do Ministério da Educação do Brasil (BRASIL, 2001, 2013, 2018). Tais autores, individuais e coletivos, foram selecionados por discorrerem com propriedade sobre o tema desta pesquisa, que é o ensino das estratégias de leitura e a importância da sistematização da leitura desde os anos iniciais, antes mesmo dos alunos terem se apropriado do sistema de escrita alfabética.

A seção dois traz uma fundamentação teórica sobre a importância da leitura, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 2001), na Base Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) bem como no Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) (AÇÃO EDUCATIVA, 2018). A seção três traz uma parte mais prática, abordando as estratégias de leitura e como utilizá-las em sala de aula, nos anos iniciais. Por fim, na seção quatro, estão as considerações finais, concluindo o trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz em seu texto orientações importantes sobre o trabalho com a leitura nos anos iniciais, destacando a sua importância para a formação do aluno. Dessa maneira, veremos algumas estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula que colaboram para o processo de compreensão textual ajudando o leitor a compreender o que leu e não somente decodificar (BRASIL, 2018).

O hábito e o interesse pela leitura devem ser estimulados desde muito cedo, quando a criança ainda não está alfabetizada, a leitura de forma lúdica é muito importante para isso. Ouvir histórias é algo muito prazeroso em todas as idades, principalmente para as crianças que têm sua capacidade de imaginação intensificada.

O primeiro contato da criança com a leitura ocorre em casa, com seus familiares, ouvindo histórias de como ela nasceu, como escolheram seu nome, de fatos acontecidos com seus familiares, entre outros.

Garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que, segundo Vigotsky (1992, p. 128): “[...] a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista [...]”.

Ao ler, a criança enriquece seu vocabulário, observa o emprego de palavras então desconhecidas, assimila a grafia correta e o contexto em que são usados os novos termos. O resultado é a ampliação do vocabulário e, por consequência, o enriquecimento da escrita.

O hábito da leitura também leva à formação de cidadãos mais conscientes. Os livros convidam a criança a um mergulho em mundos e culturas diversas, resultando em respeito pela diversidade e a uma postura empática em relação ao que é diferente.

Para que a criança tenha contato com obras de literatura desde pequena, ela precisa de um adulto que leia para ela ou mesmo de outra criança alfabetizada. Sabemos que nem todas as crianças têm acesso a obras literárias, seu custo é alto, nem sempre há bibliotecas de fácil acesso, por

isso o professor tem uma responsabilidade muito grande de, na escola, proporcionar esse contato, estimulando o interesse pela literatura. Ao ver um adulto lendo uma história, a criança é influenciada a ler também.

Segundo pesquisa do INAF (AÇÃO EDUCATIVA, 2018), os Analfabetos Funcionais – equivalentes, em 2018, a cerca de 3 em cada 10 brasileiros – têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto ou ainda, fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas.

Para tentar mudar esse cenário preocupante e entristecedor em nosso país, é muito importante que as escolas valorizem a leitura da mesma forma que valorizam a escrita, pois, se a escrita é importante, a leitura é tão importante quanto, uma vez que, o aluno que consegue ler e interpretar, consegue compreender não só a disciplina da Língua Portuguesa, mas também todas as outras áreas do conhecimento.

É preciso interpretar as situações problemas, os gráficos e tabelas da matemática, é necessário compreender o texto de história, geografia, ciências e demais áreas do conhecimento e, por fim, é preciso ter repertório e conhecimento de estruturas textuais que só se consegue lendo, na prática.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2013) que norteiam os rumos a serem tomados pelas escolas manifestam a importância à literatura infantil:

[...] as diretrizes estabelecem que se possibilitem às crianças experiências de narrativa, apreciação e interação com a linguagem oral e escrita e o convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais ou escritos. Para tanto é necessário que o professor atue como leitor mostrando que a leitura pode cumprir diversas funções como informar, instruir ou divertir em diversas situações de roda de leitura, dramatizações de histórias, contações. (BRASIL, 2013).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (BRASIL, 2018) divide as práticas de linguagem em quatro categorias:

- a) Leitura/escuta
- b) Escrita
- c) Oralidade
- d) Análise linguística/semiótica

Observamos que essas categorias estão interligadas entre si, o aluno que lê mais, conseqüentemente vai escrever e se expressar melhor, vai fazer melhor uso do vocabulário, cometer menos erros de ortografia entre outros aspectos positivos.

De acordo com Rico ([S.d]) em artigo publicado na revista Nova Escola, “Como trabalhar as quatro práticas de linguagens previstas na base”¹, o objetivo da **Leitura, escuta (compartilhada e autônoma)** é ampliar o **letramento** já iniciado na Educação Infantil e na família, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura, compartilhada e autônoma, em textos de diferentes complexidades. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) considera a leitura para além do texto escrito, incluindo imagens estáticas (foto, pintura, desenho, ilustração, infográfico etc.) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e som (áudios e música), que circulam em meios impressos ou digitais.

3. AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA

A BNCC (BRASIL, 2018) propõe construir o domínio progressivo da habilidade de produzir textos em diferentes gêneros, sempre tendo em vista a interatividade e a autoria. Nos primeiros anos, isso representa saber para que serve a escrita e como ser capaz de começar a praticá-la. Para construir esse conhecimento, a indicação é levar à sala de aula situações reais de uso da língua, para que as crianças tenham bons motivos para escrever. Ainda que elas não estejam plenamente apropriadas do sistema de escrita alfabética, o professor pode adotar estratégias. Uma delas é simplesmente

¹ Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/42/como-trabalhar-as-quatro-praticas-de-linguagem-previstas-na-base>

deixar que os alunos escrevam, de acordo com suas possibilidades, ainda que de maneira não convencional. Ele também pode servir, inicialmente como escriba para a turma e, em salas em que algumas crianças já escrevem convencionalmente, elas podem servir de escriba para os colegas.

Nesse processo, o professor deve mostrar que a produção de um texto envolve pensar nas respostas para quatro perguntas fundamentais: quem escreve, qual é o objetivo, quem vai ler e onde será publicado. No começo, o próprio docente deve apontar para os alunos esses pontos, até que, aos poucos, eles sejam capazes de uma reflexão autônoma.

Para perceber, por exemplo, a importância de, na hora de escrever, pensar no leitor, o professor pode sugerir que as crianças troquem entre si os textos que fizeram para que colegas leiam e falem o que entenderam. Assim, primeiro elas poderão observar o comportamento de um leitor real, o que irá ajudá-las a, depois, pensar no leitor virtual de todo texto que forem produzir. Ao compreender o contexto de produção, se tornarão capazes de perceber como essas definições interferem na maneira como se escreve e entender que há um gênero textual apropriado, com padrões que precisam ser seguidos, dependendo do que se quer escrever.

A inclusão desse eixo oralidade reforça que o oral também é objeto de estudos, algo que já estava nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001). O documento reconhece que a aprendizagem das características discursivas e das estratégias de fala e escuta ocorre por meio do uso, da interação com o outro. Nos anos iniciais, o objetivo é aprofundar as experiências iniciadas na Educação Infantil e na família. O professor deve promover discussões com intencionalidade para além da tradicional roda de conversa. Pode ser uma exposição oral sobre um estudo que estão fazendo ou a argumentação para definir uma regra de convivência. Neste último caso, o docente pode formular questões, lembrando que as interações não precisam ficar apenas entre aluno e professor. É possível estimular as crianças a escutar, prestar atenção e comentar o que o colega falou. Nesse momento a criança também aprende a escutar o colega.

A prática da Análise linguística/semiótica (alfabetização) articula-se com as demais práticas e indica explicitamente a **sistematização**

da alfabetização, com a proposta de reflexões sobre o **sistema de escrita alfabética** e o funcionamento da língua e de outras linguagens.

É preciso observar que as práticas de linguagem não são estanques. Há articulações entre elas. Ao trabalhar uma produção de texto, é possível, por exemplo, realizar entrevistas (oral) com registros (escrita), ler textos modelares do mesmo gênero (leitura) e transformar a entrevista em texto escrito (análise linguística).

A interpretação de textos é outra habilidade que destaca a importância da leitura nos anos iniciais. Com o hábito de ler e com a bagagem acumulada com a leitura ao longo do tempo, a criança aprende a interpretar o que leu, a compreender, a articular seu conhecimento prévio à leitura e com isso obter novas informações.

Cada vez mais os professores estão ensinando compreensão. Cada vez mais educadores vêm as estratégias de compreensão como ferramentas para interpretação do texto. As crianças de todo o país podem articular como as estratégias de compreensão os ajudam a entender o que eles leem. E são muitas as pesquisas sobre compreensão de leitura. (HARVEY; GOUDVIS, [2017], p. 30).

Aprender a aprender, que é um dos pilares da educação, não é uma tarefa simples, aprender a aprender exige que o aluno eleja, entre as muitas informações disponíveis, aquelas que irão satisfazer suas necessidades naquele momento. É necessário ensinar os alunos a ler, mas não somente uma leitura para decodificar as letras, ensinar a ler de maneira que seus alunos compreendam o que estão lendo, através de uma série de estratégias que devem ser ensinadas para que os alunos façam uso delas quando necessário, a fim de chegar à compreensão total do texto

Os leitores dão um salto gigantesco em direção à independência quando desenvolvem a capacidade de monitorar sua compreensão. Quando os leitores monitoram sua compreensão, eles têm uma conversa interna com o texto. Eles ouvem a voz em sua cabeça falando com eles enquanto leem, o que lhes permite construir significado. Eles se envolvem no texto e aprendem com o que leem. (HARVEY; GOUDVIS, [2017], p. 51).

Quando o aluno conhece as estratégias de leituras disponíveis e as utiliza como ferramentas para ajudá-lo na construção do sentido conforme a sua necessidade, ele têm uma melhora significativa em sua leitura, ele passa a monitorar seu pensamento enquanto lê e consegue dar significado ao texto. Vejamos que o pensamento está estreitamente relacionado à leitura, muitas vezes o leitor está lendo um texto, mas seu pensamento está em outro lugar, dessa forma, a compreensão não vai se consolidar. Daí ressaltamos a importância dos conhecimentos prévios, pois ao fazer links entre o texto lido e o seu conhecimento prévio, o leitor aciona ferramentas de compreensão textual, muitas vezes esse acionamento do conhecimento prévio acontece sem que o leitor se dê conta dele.

Girotto e Souza (2010) apresentam seis tipos de estratégias de leitura a serem trabalhadas com os alunos, entre elas a conexão, ao fazer conexões o leitor cria uma ponte entre o conhecimento prévio e o conhecimento novo e, dessa maneira, um novo conhecimento, uma nova informação acontece.

Com relação às conexões, elas podem ser de três maneiras: conexões texto-texto, que acontece quando o aluno relaciona o texto lido com outros textos que ele já conhece, do mesmo gênero ou de gêneros diferentes, filmes, músicas, etc. Muitas vezes lemos uma história que nos faz lembrar de uma outra história semelhante, ou um problema parecido, alguma analogia (temáticas, estruturais ou de situações, enredo, personagens) algo que arremeta a outro texto lido anteriormente.

Conexão texto-leitor, que implica em fazer conexões, associações com as experiências pessoais que facilitam o processo de entendimento e a compreensão do texto. Ensinar as crianças a ativar seus conhecimentos prévios, bem como seus conhecimentos textuais e pensar sobre suas conexões é fundamental para sua compreensão. Essas conexões entre texto-leitor acontecem quando alguma informação ou trecho da história lida faz o leitor se lembrar de alguma experiência vivida em sua vida real.

Fazer conexões com as experiências pessoais facilita o entendimento. As vivências e conhecimentos prévios dos leitores abastecem as conexões que

fazem, ficando aqui clara a importância de se valorizar os conhecimentos prévios do aluno, como já descrevemos anteriormente.

Discussões, boletins de notícias, revistas, internet e até mesmo as conversas informais criam conexões que levam a novos insights, a novas informações. Ensinar as crianças a ativar seus conhecimentos prévios, bem como seus conhecimentos textuais, e pensar sobre suas conexões é de extrema importância para compreensão.

Quando os alunos tiveram uma experiência similar à do personagem da história, eles são mais aptos a entender os motivos, pensamentos e sentimentos do personagem. E quando os leitores têm uma abundância de conhecimentos prévios sobre uma área específica do conteúdo, eles entendem mais completamente a nova informação lida. (HARVEY; GOUDVIS, 2008, p. 21).

A conexão texto-mundo que acontece quando o leitor relaciona o texto lido com fatos mais globais, envolve situações que vão além da sala de aula: diversidade, natureza, pobreza, poluição e outros.

Muitas vezes, o leitor, por si só, não se dá conta de ativar esse conhecimento anterior, portanto, o professor, como mediador do conhecimento, deve ensinar os seus alunos a ativarem esse conhecimento prévio. O professor pode ler uma história e ir fazendo uma “modelagem” para que os alunos compreendam. No primeiro momento, o professor pode combinar com a turma que somente ele irá fazer suas conexões, para que eles aprendam, depois, o professor abre para todos. Esse momento deve ser muito bem conduzido pelo professor para que cada um respeite a sua hora de falar e ouça o seu colega.

Há vários livros interessantes nos quais o professor pode escolher propositalmente a leitura, justamente para abordar esse tipo de conexão, a fim de fazer a modelagem para que os alunos compreendam melhor todo o processo. Portanto, o planejamento também é um diferencial muito importante, quando o professor conhece seus objetivos e planeja sua aula de acordo com eles e isso vai fazer grande diferença.

Para esse trabalho com as conexões em sala de aula, Girotto e Souza (2010, p. 71-74) sugerem a utilização de uma “folha do pensar”, na qual o leitor poderá anotar as conexões que fez durante a leitura do texto, essa folha irá ajudá-lo a guiar a sua leitura, servirá apenas como apoio para que ele treine esse tipo de conexão. O leitor vai desenvolvendo essas habilidades à maneira que vai lendo mais e mais e depois não precisará mais dela.

Quadro 2: Associando o texto ao mundo:

Crianças	O texto disse	Lembrei sobre

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro acima é um exemplo de como o professor pode conduzir essa leitura em sala de aula a fim de moldar com os alunos a maneira de eles fazerem suas inferências no texto.

Dessa forma, Girotto e Souza, (2010) sugerem que, primeiramente, na modelagem, o professor leia para seus alunos fazendo pequenas pausas para mostrar como foi o seu raciocínio durante a leitura, falando para as crianças do que ele se lembrou ao ler o trecho da história. Assim, na hora em que o aluno for ler sozinho, ele irá também tentar fazer associações ao texto.

A seguir temos a estratégia de visualização, essa é uma estratégia cognitiva de criação mais apurada das ilustrações e signos verbais e não verbais, sensações e sentimentos (visões, sons, cheiros, toques e gostos), criando imagens mentais, inferindo significados. A visualização ajuda a deixar o texto mais real e concreto, estimulando o pensamento imaginativo e aumentando o envolvimento no texto.

Quando o leitor começa a imaginar o texto ele cria a história em sua cabeça, ativando seus conhecimentos prévios e atribuindo um sentido à história. Ao visualizar a história em sua mente o leitor consegue se lembrar dela com mais facilidade, essa história passa a fazer sentido ao leitor. Ele passa a fazer associações entre a história e a criação em sua mente e tais

associações facilitam a sua interpretação. O professor, ao explorar essa estratégia, pode fazer a leitura de uma história sem mostrar as ilustrações contidas no livro. O aluno apenas imagina como são os personagens, como é o cenário, suas características conforme descrito no texto lido, o professor, ao terminar a leitura, pode pedir para o aluno desenhar suas impressões e, posteriormente, compará-las às ilustrações originais do livro. Esse é um trabalho muito interessante que envolve o aluno com leitura e o ajuda no processo de compreensão do texto.

Outra estratégia é a Inferência, ela remete à leitura nas entrelinhas, uma interpretação que não está explícita no texto. Significa chegar a uma conclusão lógica encontrando os elementos essenciais de um texto. Os alunos devem ser capazes de identificar e lembrar de informações importantes. Quando os alunos são solicitados a resumir um texto, eles dependem muito dessa estratégia de leitura.

Escolhemos um texto ambíguo e incentivamos os leitores a pensar no que sabem. Ao mesclar seu pensamento com as pistas do texto, as crianças podem fazer uma inferência ou tirar uma conclusão. Os mistérios geralmente oferecem oportunidades para os leitores inferirem. (HARVEY; GOUDVIS, [2017], p.82, tradução nossa).

Dessa maneira, o intuito é que a criança vá além do sentido literal do texto e compreenda o que há nas entrelinhas dele, entendendo o significado que está implícito no texto. Essa é uma tarefa complexa, principalmente para o leitor dos anos iniciais, observa-se, muitas vezes, que o aluno consegue extrair as informações explícitas, porém, na hora de compreender as informações implícitas eles apresentam muita dificuldade pois é uma informação que depende da interpretação do leitor em construir o sentido de um vocábulo a partir da análise do seu contexto de utilização. De acordo com Giroto e Souza (2010) a inferência acontece quando o leitor utiliza o seu conhecimento prévio sobre o assunto e estabelece relações com as dicas dadas no texto a fim de chegar a conclusões e deduções de um resultado, inferindo o leitor entende a essência do texto e quanto mais informações o leitor tem do texto, mais sensatas serão suas inferências.

Outra prática é o questionamento ou perguntas ao texto, capaz de trazer bons resultados. Harvey e Goudvis ([2017]) destacam em seu livro que a curiosidade gera perguntas e essas perguntas são a solução para a compreensão, elas esclarecem dúvidas estimulando os esforços de pesquisa, aprofundando o aluno na leitura. Segundo as autoras, os seres humanos são sempre impelidos a encontrar respostas e entender o mundo.

Ao ler o texto e fazer questionamentos é possível compreendê-lo melhor. As dúvidas do leitor são, automaticamente, um estímulo para se encontrar a resposta. É importante que o leitor aprenda a ler formulando questões para que haja um incentivo para continuar a leitura. Harvey e Goudvis ([2017]), p. 180) colocam que, como adultos, nos questionamos o tempo todo e as crianças não crescem sabendo que bons leitores fazem perguntas ao texto, por isso a importância de ensiná-las.

Considerando o professor como mediador desse processo de leitura, cabe a ele mostrar aos alunos, enquanto lê o texto, que as perguntas são usadas para ajudar na compreensão, na construção do sentido do texto. A estratégia questionamento ou perguntas ao texto dá a oportunidade de ampliação da compreensão do estudante. As questões feitas ao texto levam o leitor a esclarecer suas dúvidas, buscar a informação necessária para conseguir entendê-lo. Então, mais uma vez, destacamos a importância do professor como mediador, de sua intervenção durante a leitura a fim de ensinar aos alunos como esses questionamentos devem ser feitos.

A sumarização é outra estratégia utilizada, seu objetivo é buscar a essência do texto, diferenciar o que é importante e o que são apenas detalhes. Ela prepara o aluno para a Síntese e consiste na identificação das partes ou ideias mais relevantes do texto, ou seja, em sua essência. Quando o leitor compreende a estrutura do texto, ele consegue identificar as partes

Quando resumimos as informações durante a leitura, extraímos as informações mais importantes e as escrevemos com nossas próprias palavras para lembrá-las. Cada informação que encontramos acrescenta uma peça à construção do seu significado. Nosso pensamento evolui à medida que adicionamos informações do texto. Sintetizar é um processo semelhante ao trabalho de um quebra-cabeça. (HARVEY; GOUDVIS, [2017], p.291, tradução nossa).

Harvey e Goudvis ([2017]) sugerem começar ensinando os alunos a fazer um balanço do significado enquanto leem, resumindo as informações a serem adicionadas ao seu estoque de conhecimento. Para tanto, é preciso incentivar os leitores a parar de vez em quando para pensar no que leram

O processo de sumarização deve ser ensinado ao aluno, o professor novamente assume um papel importante no sentido de fazer uma modelagem para que o aluno entenda como se dá esse processo e se familiarize com ele para que essa se torne uma prática em todas as suas leituras. Portanto, o leitor precisa de modelos para conseguir chegar a essa técnica que o ajudará muito, não só em suas leituras por deleite, como em suas leituras profissionais, no caso de um profissional da área por exemplo.

Ter domínio dos elementos da narrativa ou da estrutura do parágrafo em textos informativos, por exemplo, ajuda a priorizar o que é mais importante em cada texto. Pode ser feito um trabalho com o grifo, o uso de anotações às margens do texto ou o uso de blocos de notas para parafrasear a informação. Sumarizar vai além de grifar partes importantes em um texto, é preciso identificar a essência dele.

Desde o ensino fundamental é possível trabalhar com essa estratégia através de pequenos textos com perguntas que busquem trazer à tona a essência do texto, há uma variedade muito ampla de atividades desse tipo, com textos curtos em que os alunos possam realizar atividades desse tipo.

E, por fim, a síntese, outra estratégia utilizada que consiste em escolher, entre muitas informações, aquelas que levam as ideias essenciais do texto. Trata-se de um processo de construção do próprio texto moldando-o com os próprios conhecimentos. Pode-se fazer uma lista de palavras, registros de breves passagens da história que norteiam a estrutura da narrativa podendo utilizar desenhos, relato da história lembrando de contar o que é importante, de forma que faça sentido e seja atraente para quem ouve, dramatizações, reescrita, entre outros.

A síntese está intimamente relacionada a um processo de produção textual, uma vez que sintetizar consiste em apresentar um resumo do texto acrescido de uma visão pessoal. Na síntese, o leitor autônomo manifesta sua apreciação acerca do texto e tem

a oportunidade de explicitar o seu pensamento, os leitores, ao sintetizarem a informação, enxergam uma figura maior, eles não estão simplesmente se lembrando dos fatos ou repetindo-os. Antes, acrescentam a nova informação aos conhecimentos já existentes. Algumas vezes, adicionam novas informações para o aprimoramento do conhecimento prévio, desenvolvendo o pensar e aprendendo mais durante o processo. Outras vezes, mudam o seu pensar baseado em suas leituras, ganhando uma perspectiva inteiramente nova, por isso, quando sintetizam, as crianças alcançam um entendimento mais completo do texto. (GIROTTI; SOUZA, 2010, p. 103).

Dessa forma, ainda sobre a síntese, Harvey e Goudvis ([2017]) completam que:

Para tornar a síntese compreensível para as crianças, conversamos com elas sobre como a leitura muda e aumenta o pensamento. O principal objetivo da leitura é fazer adições à nossa base de conhecimento, pensar em novas informações e integrá-las. Às vezes, as novas informações adicionam e reforçam o que já sabemos. Outras vezes, novas informações nos mudam, de certa maneira nos dão uma perspectiva diferente, um novo ângulo de pensamento, mais informações. Seja qual for o caso, estamos sintetizando as informações à medida que avançamos. Precisamos pedir às crianças todos os dias que pensem em como suas leituras e aprendizados estão aumentando e / ou mudando seus pensamentos. (HARVEY; GOUDVIS, [2017], p. 298, tradução nossa).

Os autores citados acima apresentam a síntese como uma fase de interpretação profunda da leitura. O aluno, ao realizar a síntese, ele tem um grau de compreensão muito desenvolvido, adicionando mais conhecimento ao conhecimento prévio existente, sendo capaz de fazer inferências, opinar ou mudar sua maneira de pensar, adquirindo um novo panorama para aquilo que já conhecia.

A criança precisa ter clara a função social do texto que está lendo, bem como entender a ideia de que, ao ler, ela está acrescentando informações à sua vida, a leitura é um meio de ampliar o conhecimento já existente, combinando novas informações para formar uma nova ideia, esclarecendo

dúvidas, abrindo a mente para novas perspectivas sobre uma concepção que ela já tinha, armazenando informações para avançar no texto, enfim, a leitura só traz benefícios para a vida. E quando nos referimos a acrescentar conhecimento, estamos lembrando mais uma vez da importância de se valorizar os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos. O aluno não vai abandonar o conhecimento que ele já carregava, pelo contrário, ele vai acrescentar informações a partir das que já possuía, ampliando dessa forma, seu conhecimento.

Estudos mostram que uma pessoa não só escreve melhor sobre coisas que lhe fazem sentido como também traduzem melhor algo que faz sentido a ele, que conhecem o contexto. No caso de tradutores profissionais, eles, ao traduzirem um texto, buscam conhecer o seu contexto histórico e cultural para conseguir fazer uma boa tradução.

Harvey e Goudvis ([2017]) ressaltam que a palavra escrita atua como um trampolim para os leitores construírem significado, começando com seus próprios pensamentos, conhecimentos e experiências, dessa forma o leitor também se torna escritor.

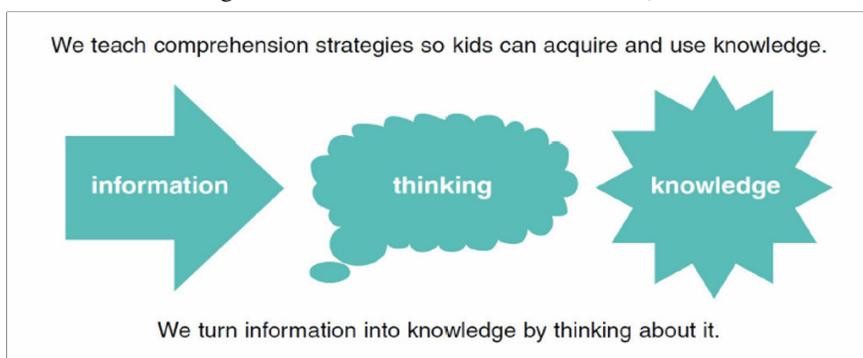
Portanto, como podemos observar, uma leitura não depende somente da decodificação das letras e respectivos sons, ela vai muito além disso, é preciso haver compreensão daquilo que se leu, e isso se faz a partir de processos cognitivos, de uma plena interação entre texto e leitor, de ativamento de conhecimentos prévios e conexões feitas pelo leitor.

Harvey e Goudvis ([2017], p. 39) explicam que o professor deve ensinar o aluno a reconhecer os seus pensamentos enquanto leem, ativando os seus conhecimentos prévios, fazendo questionamentos, inferências e sintetizando informações, assim a criança se interessa pelo texto lido e cria suas próprias estratégias para conseguir entender o texto. A leitura se torna mais prazerosa, pois, quando lemos algo que entendemos, nos interessamos mais e tudo passa a fazer sentido. Ao mesmo tempo, quando há interesse por parte do aluno, a aprendizagem acontece muito mais rapidamente, aprendemos aquilo que é de nosso interesse, o mesmo acontece com as crianças. Quando o aluno se torna um leitor estratégico, ao encontrar

obstáculos em sua leitura ele passa a ter ferramentas para descobrir o sentido do texto.

Harvey e Goudvis ([2017], p. 40) exemplificam na figura abaixo como se dá o processo de aquisição do conhecimento, primeiramente vem a informação, seguida do pensamento e aí então é que se dá o novo conhecimento:

Figura 1: Entrada e saída da informação



Fonte: Harvey e Goudvis ([2017], p. 40).

Na Figura 1, elas explicam que o conhecimento se dá através do **“pensar sobre”**

Aprender é uma consequência do pensamento. Essa sentença se opõe ao padrão convencional de escola. O padrão convencional diz que, primeiro os alunos adquirem conhecimento e só então eles pensam, refletem, sobre o conhecimento que eles absorveram. Mas é exatamente o oposto: de longe o pensamento vem depois do conhecimento. À medida que pensamos sobre o conteúdo que estamos aprendendo, nós aprendemos verdadeiramente. O conhecimento não fica apenas lá, ele funciona ricamente na vida das pessoas para que elas possam aprender sobre e lidar com o mundo.(PERKINS, 1992, apud HARVEY; GOUDVIS, [2017], p. 40, tradução nossa).

Ao contrário do que se pensava no passado, o pensamento não vem depois de ter aprendido e sim antes, o aluno recebe a informação, pensa

sobre ela e a transforma em conhecimento, portanto, o conhecimento está estreitamente relacionado ao ato de pensar sobre a informação, está intimamente ligado à construção do conhecimento, ao ler e pensar sobre a leitura em questão, o leitor vai construindo significado para essa leitura e, conseqüentemente, construindo seu conhecimento.

Os leitores que monitoram sua compreensão podem acessar muitas estratégias diferentes - fazendo perguntas, visualizando ou inferindo para construir significados diante dos obstáculos. O repertório de estratégias de um leitor precisa ser flexível o suficiente para resolver problemas de compreensão com palavras, frases ou significado em geral. (HARVEY; GOUDVIS, [2017], p. 52, tradução nossa).

Quando o leitor consegue monitorar seu pensamento enquanto lê e quando ele conhece as estratégias disponíveis para utilizá-las a fim de compreender algo, ele é capaz de fazer uso delas de acordo com sua necessidade e, dessa maneira, se torna um leitor independente, que compreende o que lê e, assim, não abandona a leitura por não entender ou por encontrar algum obstáculo.

Chamamos isso de estratégias metacognitivas, ou seja, o conhecimento do próprio conhecimento, é o pensar sobre o que aprendemos e entendemos e como vamos aprender, é a capacidade de o aluno identificar, controlar e desenvolver seus processos cognitivos e utilizá-los no futuro, quando houver situações que requeiram isso. A metacognição facilita as **experiências de aprendizagem duradouras e também potencializam o desenvolvimento acadêmico, pois envolve o aluno em sua aprendizagem.**

A aprendizagem ocorre durante toda a vida, é um processo contínuo, e, pensar em como aprender algo que antes não se sabia, algo novo, elaborar estratégias para isso é um processo particular de cada um, as pessoas aprendem de maneiras diferentes, uns são mais visuais, outros mais perceptíveis, outros auditivos e quando o leitor monitora seus pensamentos ele compreende o que está lendo

São vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura. Destaque-se o conhecimento linguístico, isto é, aquele conhecimento implícito, não verbalizado. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. (KLEIMAN, 2002, p. 13).

A compreensão do vocabulário, possibilitada pelo conhecimento linguístico, é essencial para que o texto seja processado pelo leitor, construindo sentidos. O processamento do texto permite que o indivíduo perceba a macro unidade textual, constituída de unidades menores, como a frase e a palavra.

O conhecimento linguístico desempenha um papel central no processamento do texto. Entende-se por processamento aquela atividade pela qual as palavras, unidades discretas, distintas, são agrupadas em unidades ou fatias maiores, também significativas, chamadas constituintes da frase. À medida que as palavras são percebidas, a nossa mente está ativa, ocupada em construir significados [...]. (KLEIMAN, 2002, p.14-15).

Para que aconteça a compreensão do léxico e, por consequência, o processamento dele, duas estratégias de leitura se fazem fundamentais: a ascendente e a descendente:

[...] a abordagem sintática é mais linear, enquanto que a semântica opera com idas e vindas. A esse tipo de abordagem mais linear e mais indutiva convencionou-se chamar de estratégia ascendente (bottom-up), e à abordagem que usa processos dedutivos a partir de expectativas do leitor, de estratégia descendente (top-down). (KATO, 1999, p. 68).

A diferença entre elas é bastante clara, a ascendente refere-se a compreensão de elementos que estão presentes de forma explícita no texto. Já a descendente refere-se aos elementos que estão implícitos e, por isso,

requer outras habilidades para que indivíduo faça deduções a partir dos indícios semânticos para reconstruir o texto.

Acredita-se que um texto com muitas palavras desconhecidas seja de leitura difícil e se processe palavra por palavra. Na verdade, o que influi na escolha do processo é a possibilidade ou não de o texto oferecer condições para o leitor inferir seu significado. A existência de palavras desconhecidas fará com que ele use muito de sua capacidade de processamento descendente, pois o ascendente não o faz progredir em sua compreensão. (KATO, 1999, p. 76).

Ou seja, quando o leitor lê um texto que ele não conhece as palavras, ele irá decodificar porém não vai haver uma inferência de sentido, pois ele desconhece o contexto. Não há um conhecimento prévio sobre o assunto, o que dificulta bastante sua compreensão. As palavras desconhecidas também colaboram para a falta de compreensão.

Muitas vezes lemos textos em que não conhecemos as palavras, porém, conseguimos atribuir-lhe um significado através do contexto, por isso a importância de se compreender o que se está lendo e isso se dá através de um trabalho sistematizado ao longo dos anos, desde as séries iniciais, para se desenvolver o interesse pela leitura e, conseqüentemente, formar adultos letrados, capazes de compreender o que foi lido, interpretar, fazer inferências, emitir opiniões, entre outros. Dessa maneira, o conhecimento prévio do leitor irá influenciar muito em sua interpretação, quanto mais vasto seu conhecimento prévio, melhor o leitor se sairá em situações de léxico desconhecido. Muitas vezes o leitor não conhece a palavra, mas é capaz de deduzir seu significado através da derivação sufixal, derivação prefixal ou composição coordenativa, quando um substantivo e um verbo associam-se para construir um neologismo.

De acordo com Solé (1998), deve-se criar situações contextualizadas para que o aluno possa interagir com o texto e sua proposta se baseia na utilização de estratégias em três momentos do ato da leitura: antes, durante e depois. A autora esclarece que antes da leitura é um momento propício para estabelecer objetivos que direcionarão a maneira como a leitura se dará, ou seja, o objetivo que se tem com a leitura definirá a maneira como o texto será lido: ler para seguir instruções é diferente de ler para se obter

uma informação de caráter geral ou de ler para revisar um escrito próprio, o que é muito importante para a leitura profissional.

Esse momento que antecede a leitura é o momento de se ativar o conhecimento prévio do discente sobre o que vai ser lido, tentar fazer antecipações através das ilustrações da capa e título do livro, observar sua ficha catalográfica, elaborar questionamentos que poderão ser confirmados ou não durante a leitura. As antecipações não confirmadas também são importantes para que o aluno perceba a importância de se ler, pois muitas vezes, eu vejo uma cena, imagino uma coisa, mas durante a leitura eu percebo que minha dedução estava errada, e isso só se dá pelo fato de eu ler e interpretar o texto. “Se ler é um processo de interação entre um leitor e um texto, antes da leitura (antes de saberem ler e antes de começarem a fazê-lo quando já sabem) pode-se ensinar estratégias aos alunos para que essa interação seja o mais produtiva possível.” (SOLÉ, 1998, p. 114).

A autora destaca a importância da leitura compartilhada, durante a leitura pode-se fazer previsões sobre o capítulo seguinte através das deduções, a partir da leitura do capítulo anterior, fazer perguntas, esclarecer dúvidas, o professor deve ensinar o aluno a fazer perguntas de acordo com os objetivos que estabeleceu para ele, cabe ao professor ensinar o aluno a relacionar-se com o texto, servindo de modelo para ele. Outro ponto importante é fazer com que o aluno se sinta atraído pela leitura, o professor deve despertar na criança o desejo de ler, pois quando há interesse por parte do aluno conseqüentemente a aprendizagem será muito mais efetiva. Para a autora, é importante que o aluno explicita o que está pensando para que o professor possa fazer as devidas inferências, conforme explica abaixo:

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõe a ler. É um processo interno, porém deve ser ensinado. Uma primeira condição para aprender é que os alunos possam ver e entender como faz o professor para elaborar uma interpretação do texto: quais as suas expectativas, que perguntas formula, que dúvidas surgem, como chega à conclusão do que é fundamental para os objetivos que o guiam, que elementos toma ou não do texto, o que aprendeu e o que ainda tem de aprender... em suma, os alunos tendem a assistir a um processo/modelo de leitura, que lhes permita ver as ‘estratégias em ação’ em uma situação significativa e funcional. (SOLÉ, 1998, p. 116).

A etapa depois da leitura envolve a ideia de que se deve ter uma compreensão geral do texto e aplicar estratégias para encontrar a ideia central fazendo resumos e perguntas sobre o texto. Para que os alunos aprendam a se auto interrogarem, é necessário que o professor deixe claro que cada texto tem suas especificidades, cada leitura tem seu objetivo e não é possível ter um questionário pronto.

Segundo Solé (1998, p. 160) a formulação de perguntas para nós mesmos nos faz permanecer atentos à leitura e à sua compreensão, é importante detectar o que se sabe e o que é preciso saber, é preciso conhecer as estratégias que se tem à disposição a fim de utilizá-las para se resolver o problema.

As autoras Girotto e Souza, (2010, p. 55) trazem as descrições das estratégias e também sugestões de atividades. Elas se basearam em pesquisas das norte-americanas Harvey e Goudvis (2008) que abordaram e propuseram reflexões e práticas de trabalho com o texto literário, nas quais as “estratégias de compreensão são meios para um fim e não um fim em si mesmo”. Nos dizeres das autoras, a aprendizagem acontece como resultado da interação entre sujeitos, num ensino colaborativo e com objetivos claros. Dessa forma, cabe ao professor planejar e definir as atividades no intuito de promover a construção do conhecimento para a turma em que leciona, gerando leitores autônomos.

A criança forma-se como leitora, ao construir seu saber sobre texto e leitura, conforme as atividades que lhes são propostas pelo mediador durante o processo de planejar, organizar e implementar atividades de leitura literária. Esse processo pode atender a um objetivo pedagógico relevante para professor e aluno se for trabalhado de forma progressiva em seu grau de complexidade, com atividades cada vez mais independentes. (GIROTTTO; SOUZA, 2010, p. 54).

Pode se fazer uma lista com os alunos sobre os diferentes propósitos de leitura, perguntando a eles os motivos pelos quais leem, como por exemplo, obter uma informação, aprender uma receita, por diversão, para saber instruções sobre algo, para aprender sobre um determinado assunto,

para realizar tarefas escolares, entre outros. Portanto o objetivo da leitura interfere na maneira que selecionamos um livro.

Quando os alunos conhecem o objetivo de sua leitura, eles terão mais facilidade em escolher seus livros e é papel do professor, enquanto mediador, ensiná-los que toda leitura tem um propósito e que deve ser observado ao se escolher.

Ao observar a zona de desenvolvimento proximal² o professor seleciona atividades que sejam adequadas ao nível de aprendizagem do aluno, não devem ser muitas, além das capacidades do aluno, para que ele não perca o interesse por não conseguir compreender e nem muito aquém de suas capacidades, a ponto de não representar nenhum desafio para o aluno e isso também o leva a desinteressar-se pela atividade.

É muito importante que o professor ajude o aluno a selecionar suas leituras de uma maneira interativa, de modo que o aluno participe desse processo de como selecioná-las. Harvey e Goudvis ([2017], p. 92) mostram em seu livro um modelo criado por uma professora juntamente com seus alunos e para selecionar um livro, pergunta-se às crianças como elas os escolhem. O que exatamente eles fazem quando pegam um livro na prateleira, registram-se suas respostas em um gráfico, na esperança de que algumas dessas sugestões sejam contagiosas. As crianças da turma da quarta série de Leslie Blaumann (HARVEY; GOUDVIS, [2017], p. 92) produziram a seguinte lista de como escolhem os livros:

Quadro 3: Critérios para a escolha de um livro de acordo com os alunos do 4 ano da professora Leslie Blaumann

- Lendo a capa
- Lendo a aba
- Lendo a primeira página
- Lendo as primeiras páginas

² É um conceito central na Psicologia sociocultural ou sócio-histórica, formulado originalmente por Vygotsky, na década de 1920. Na explicitação mais difundida, a ZDP é descrita como a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver tarefas de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por desempenhos possíveis, com ajuda de adultos ou de colegas mais avançados ou mais experientes. Fonte: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/zona-de-desenvolvimento-proximal>.

- Lendo o sumário
- O título
- A grossura
- O nível
- Folheando as páginas
- Lendo a última página
- Vendo as fotos ou figuras
- Pela capa
- O autor
- Pelo assunto
- O gênero
- Por recomendação

Fonte: Harvey e Goudvis ([2017], p. 92).

Todas essas sugestões são úteis, mas Leslie entende que, se ela simplesmente copiasse essa lista a cada ano e a colasse em um painel em sua sala, os alunos provavelmente a ignorariam. Essa lista faz sentido para eles porque é produzida de acordo com suas próprias necessidades e práticas, ela é produzida juntamente com os alunos e isso faz toda diferença, porque, dessa forma, ela faz sentido para eles. O professor pode também acrescentar itens que considerar relevantes, pois também é membro da comunidade de leitura de sua sala de aula. Leslie reconheceu que, geralmente, escolhia um livro com base na recomendação de alguém próximo a ela. “Recomendação” nunca aparece na lista original. Então, Leslie acrescentou. Livros recomendados por amigos e familiares que a conhecem tendem a ser livros que atraem seu interesse.

Ao produzir um material com o aluno, no caso acima uma lista, eles se interessam muito mais, uma vez que participaram de sua confecção e depositaram lá suas ideias. Tudo que se produz juntamente com o aluno faz sentido a ele, por ele ter participado ativamente do processo. Isso se dá não somente nesse modelo de atividade, mas em todas as outras realizadas em sala de aula. Todo tipo de material de apoio encontrado em uma sala

de aula como textos, cartazes, listas, entre outros, deve ter a participação direta do aluno, para que isso possa fazer sentido para ele.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos, dessa maneira, que a leitura é um processo ativo, uma construção. O sentido do texto não está pronto, ele vai se formando à medida que o leitor interage com o texto através de seu pensamento, seus conhecimentos prévios, através de suas estratégias de leitura, tudo isso vai se juntando como um quebra-cabeça para dar sentido ao texto.

Ao nos aprofundarmos mais nos estudos sobre as diversas estratégias de leitura, começamos a entender a importância delas para o processo de formação de leitores. As pessoas leem por diversos motivos e as estratégias de leitura trazem benefícios para qualquer tipo de leitor, seja ele iniciante, como no caso dos alunos das séries iniciais, onde estão iniciando o processo de alfabetização e, conseqüentemente, o processo de compreensão da leitura ou seja ele um leitor profissional, que precisa aprimorar sua leitura para exercer sua profissão de maneira efetiva, de modo que seja capaz de identificar a essência do texto, independente do assunto, se é de seu domínio ou não, permitindo que esse texto ou arquivo seja recuperado futuramente por um usuário, sem que essa informação se perca com o tempo.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) Brasil 2018**: resultados preliminares. Pesquisa gera conhecimento: o conhecimento transforma. São Paulo: Ação Educativa; Instituto Paulo Montenegro, 2018. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 1 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 3 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 3 maio 2021.

GIROTTO, C.; SOUZA, R. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que lêem. *In*: SOUZA, R. (org.) **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 45-114.

HARVEY, S.; GOUDVIS, A. **Strategies that work**: teaching comprehension to enhance understanding. Portland: Stenhouse Publishers & Pembroke Publishers, 2008.

HARVEY, S.; GOUDVIS, A. **Strategies that work**: teaching comprehension for understanding, engagement, and building knowledge. K–8. 3. ed. Portland, Maine: Stenhouse Publishers, [2017].

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2002.

PERKINS, D. **Smart schools**: better thinking and learning for every child. New York: Free Press, 1992.

RICO, R. Como trabalhar as quatro práticas de linguagem previstas na base. **Nova Escola**, São Paulo, [2020]. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/42/como-trabalhar-as-quatro-praticas-de-linguagem-previstas-na-base>. Acesso em: 1 mar. 2022.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

